

O Edifício Taperinha no imaginário de Santa Maria, RS: uma associação através de cartões-postais da cidade

The Taperinha Building in the imaginary of Santa Maria, RS: an association through the city postcards

Ana Júlia Scortegagna Socal¹

1. Superintendente de Turismo na Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo da Prefeitura Municipal de Santa Maria e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). <https://orcid.org/0000-0001-5453-1358> **anajsocal@gmail.com**

Resumo: O Edifício Taperinha, localizado no centro da cidade de Santa Maria, é uma das edificações mais representativas da arquitetura moderna local. O objetivo geral deste estudo foi compreender a importância do Edifício Taperinha e a sua presença no imaginário associado à Santa Maria. Como objetivos específicos, se propôs a: investigar a participação do edifício no contexto histórico da cidade; compreender o projeto e as particularidades do Taperinha; e identificar de que forma ele é reconhecido e representado em cartões-postais. A metodologia baseia-se em duas etapas: 1) pesquisa bibliográfica, com referências sobre cartões-postais e sobre a cidade de Santa Maria e o Edifício Taperinha; 2) pesquisa documental, na qual se buscou junto ao Arquivo Histórico Municipal e em fontes online cartões-postais que retratassem a cidade de Santa Maria. Os resultados encontrados mostram que a composição volumétrica, a altura e o projeto do Taperinha fizeram com que

este se destacasse no skyline urbano e se fixasse no imaginário popular. Os dez cartões-postais mostram que o prédio compunha, junto com outros elementos urbanos, a imagem que se tinha da cidade à época.

Palavras-chave: Taperinha. Cartão-postal. Arquitetura. Modernismo. Imaginário.

Abstract: The Taperinha Building, located in the center of Santa Maria, is one of the most representative buildings of local modern architecture. The general objective of this study was to understand the importance of the Taperinha Building and its presence in the imaginary associated with Santa Maria. As specific objectives, the study intended to: investigate the participation of the building in the historical context of the city; understand the project and the particularities of Taperinha; and identify how it is recognized and represented on postcards. The methodology was based on two stages: 1) bibliographic research, searching for references on the subjects of postcards and the city of Santa Maria and the Taperinha Building; 2) documentary research in the Municipal Historical Archive and online sources of postcards that portrayed the city of Santa Maria. The results show that the volumetric composition and height of Taperinha made it stand out in the urban skyline and establish itself in the popular imagination. The six postcards show that the building, together with other urban elements, made up the image of the city at the time.

Keywords: Taperinha. Postcard. Architecture. Modernism. Imaginary.

Introdução

A imagem das cidades pode estar associada a uma série de ações e elementos, sendo que cada um exerce um papel específico para a construção dessa imagem. Dentre esses elementos, pode-se mencionar os cartões-postais que, por vincularem imagens selecionadas, acabam contribuindo para a formação da identidade de um determinado lugar e dos significados atribuídos a ele, fixando-os no imaginário popular. Inicialmente elaborados de forma simples, sem muitos recursos visuais, os postais foram sendo aprimorados a partir do desenvolvimento de novas técnicas e com a evolução da fotografia, o que fez com que incorporassem novos significados. A popularização dos cartões-postais pode

ser atribuída ao crescimento do uso da imagem na vida cotidiana da população em razão do avanço nas técnicas de fotografias. A fotografia passou a permitir o registro de imagens do dia a dia e a democratização de seu acesso, levando as paisagens a um público mais amplo, além de permitir a incorporação dessas imagens rotineiras em diversos elementos, incluindo os cartões-postais.

Ao incorporarem ilustrações e, posteriormente, fotografias, os postais “[...] supririam a necessidade de se produzir uma linguagem que propiciasse a visibilidade nas cartas, expressando as relações entre escrita e imagem e criando um modo próprio de escrita” (VELLOSO, 2001, p. 4). As imagens estampadas nos cartões-postais passaram, então, a ‘falar por si só’, traduzindo a identidade associada àquele destino.

A análise de cartões-postais permite compreender, portanto, como as cidades eram vistas e interpretadas em diferentes épocas, através dos elementos que neles são retratados. Nesse sentido, o presente estudo busca trazer essa análise para o contexto da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, procurando estabelecer relações entre os cartões-postais e o Edifício Taperinha.

O Edifício Taperinha, localizado na região central da cidade, na zona urbana correspondente ao Centro Histórico, é uma das edificações que mais se destacam no âmbito da arquitetura moderna local. Construído na década de 1950, em um momento de transformações para a cidade, quando esta começa a ganhar ares modernos e novos skylines a partir da verticalização de seu núcleo urbano, o edifício se estabeleceu como um dos ícones de Santa Maria, presente até hoje no imaginário da população que reside ou que já residiu na cidade.

O presente estudo tem como objetivo geral compreender a importância do Edifício Taperinha e a sua presença no imaginário associado à Santa Maria através de cartões-postais. Como objetivos específicos, se propõe a: investigar a participação do edifício no contexto histórico da cidade; compreender o projeto e as particularidades do Taperinha; e identificar de que forma ele é reconhecido e representado em cartões-postais.

Para tanto, a metodologia baseia-se em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, com coleta de dados realizada através de fontes bibliográficas e documentais. Primeiramente, procurou-se compreender a relação dos cartões-postais com a formação do imaginário. Em seguida,

fez-se um resgate histórico de Santa Maria, identificando como o Edifício Taperinha se enquadra nesse contexto. Em um terceiro momento, buscou-se analisar o projeto e a proposta construída. Por fim, realizou-se uma busca no site do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria e em fontes online por cartões-postais que mostrassem diretamente ou que estivessem relacionados com o Edifício Taperinha. Concentrou-se a busca por cartões-postais datados da segunda metade do século XX, porém os resultados mais expressivos foram encontrados durante as décadas de 1950 e 1970.

A construção do imaginário nos cartões-postais

os cartões-postais surgiram como uma forma de facilitar a comunicação, tornando-a mais rápida e objetiva, porém, com o passar dos anos, as funções e os significados atribuídos a ele foram se modificando. Segundo Baldissera, Gonçalves e Liedke (2010, p. 80),

[...] da simples troca de mensagens passam a objeto de desejo de colecionadores (cartofilia), propiciam o devaneio e o sonho aos ausentes à viagem, divulgam produtos e serviços, bem como funcionam como veículos para a construção da imagem oficial de cidades e países, idealizada pelas elites e pelos Estados.

Assim, os cartões-postais passam a ser compreendidos, também, como elementos relacionados ao imaginário, influenciando a concepção das pessoas sobre os lugares e solidificando paisagens na percepção popular. Registra-se em cartões-postais aquilo ao qual se atribui um determinado valor e que, conseqüentemente, merece destaque. O próprio uso da expressão, muito comum ao se referir a atrativos turísticos, denota a relação entre os cartões-postais e aquilo que se crê ser importante. Quando se afirma que um determinado monumento ou cenário é um “cartão-postal” da cidade, atribui-se a este local um status de relevância, que merece ser visitado e divulgado.

A origem exata do cartão-postal é um tanto controversa. Alguns creditam a invenção ao professor de economia política da Academia Militar de Viena, Emmanuel Hermann, que, em janeiro de 1869, publicou um artigo intitulado

“Acerca de um novo meio de correspondência” sugerindo às autoridades do país o uso postal de cartões abertos, chamados carta-postal. A ideia de Hermann consistia na utilização de uma carta menor, na qual o envelope era dispensado, ficando um lado destinado à mensagem e o outro ao endereço. A sugestão foi acatada e regulamentada pela União Postal Geral, organização que reunia vários países com o objetivo de estabelecer regras comuns para a remissão de postais, entrando em vigor no início de outubro daquele ano (FRANCO, 2006; VELLOSO, 2001).

Ao mesmo tempo, porém, outra teoria aponta o surgimento do cartão-postal como sendo ideia de Heinrich von Stephan. Segundo Andrade (2017), o funcionário do correio alemão teria sugerido, em 1865, a utilização de uma folha já selada, no formato aproximado dos envelopes então em uso, com o registro do endereço do destinatário no averso e a mensagem escrita pelo remetente no verso.

De todo modo, é fato que o cartão-postal se popularizou rapidamente e seu uso foi amplamente difundido, especialmente entre o final do século XIX e o início do século XX. Inicialmente simples e despojados, os cartões-postais tinham como principal função comunicar mensagens curtas e diretas, não contando com imagens. Para Franco (2006, p. 38) “Podemos considerar o cartão-postal como a primeira e mais democrática forma de comunicação interpessoal que envolve um processo industrial de produção de informação”.

No final do século XIX, a introdução de ilustrações contribuiu para alavancar ainda mais a utilização de cartões-postais, porém esse novo elemento modificou um pouco a sua configuração.

O averso continuava contendo o símbolo do país que editou o cartão, espaço para registro do endereço do destinatário e colagem (ou impressão) do selo. O verso, por sua vez, passou a ter ilustrações que acabaram tomando o espaço originalmente destinado à escrita da mensagem curta. Desta maneira, o remetente se via obrigado a redigir na margem, ou mesmo por cima da imagem (ANDRADE, 2017, p. 58).

Aos poucos, as imagens foram ganhando mais espaço e o layout se inverteu. O anverso passou a ser utilizado em sua totalidade para as ilustrações, e o verso ficou livre para o registro do endereço, a colagem do selo e a redação da mensagem. Com isso, a parte visual dos cartões-postais foi ganhando cada vez mais importância e papel de destaque. No início, os postais eram produzidos apenas com gravuras. Porém, com a evolução das técnicas de fotografias, a partir de 1891 passaram a apresentar imagens fotográficas, principalmente de paisagens (FRANCO, 2006).

As fotos de paisagens, inclusive, tiveram uma aceitação muito grande. Segundo Vasquez (2002), desde o início do século xx, os cartões-postais que continham paisagens eram os mais requisitados, sendo oito vezes mais procurados do que os ditos de fantasia. Castro (2002) explica esse fenômeno ao avaliar que o recurso técnico da fotografia possibilitou que as paisagens extravasassem o limite das telas de obras de arte, resignificando um cenário que antes era restrito a um público seletivo e aristocrático. A fotografia, aliada à popularização dos cartões-postais, deslocou as paisagens e as imagens do cotidiano para um novo público, mais amplo e diverso.

Percebe-se, portanto, a intrínseca relação entre a fotografia e os cartões-postais. Ao mesmo tempo em que o advento e a evolução da fotografia levaram a uma maior procura por cartões-postais, estes tornaram as imagens fotográficas mais acessíveis a um número maior de pessoas.

Nesse contexto, a imagem das cidades também ganhou notoriedade e popularização. Para Baldissera, Gonçalves e Liedke (2010), os cartões-postais contribuíram para a formação de uma imagem-conceito das grandes cidades brasileiras, ou seja, “os postais de uma cidade atualizam e reforçam o imaginário que ela tem sobre si mesma, daquilo que acredita merecer destaque dentre seu legado histórico-cultural (sua complexidade de objetos, formas, cores, processos, obras, enfim, dentre suas diferentes paisagens)” (BALDISSERA; GONÇALVES; LIEDKE, 2010, p. 82).

Ao difundirem a(s) imagem(ens) do lugar, através das paisagens, monumentos, costumes, e uma série de elementos materiais e imateriais, os cartões-postais tornaram-se portadores do imaginário. No auge de sua utilização, os postais

contribuíram para a notoriedade das cidades e a criação de uma imagem mental vinculada a elas. Segundo Franco (2006), foi com a invenção e o aprimoramento dos cartões-postais que a imagem das cidades passou a circular pelo mundo todo, “[...] atraindo capital e despertando o desejo das pessoas em conhecê-las, favorecendo o desenvolvimento e o turismo” (FRANCO, 2006, p. 45).

Para além disso, a vinculação de imagens fotográficas retratando as cidades e o cotidiano promoveu a democratização da fotografia e tornou os cartões-postais testemunho históricos daquela época, possibilitando às gerações seguintes o acesso a uma memória que poderia ter sido facilmente descartada. Ao retratarem imagens do dia a dia, os postais se transformaram em veículos do imaginário, consolidando imagens e a identidade dos lugares.

Com a evolução da tecnologia, que possibilitou a troca de mensagens de forma cada vez mais rápida e instantânea, os cartões-postais foram perdendo a sua finalidade principal, porém agregando outras atribuições. Hoje em dia, são objetos de colecionadores, além de ainda exercerem um papel muito forte como souvenir, principalmente em destinos turísticos mais consolidados.

Contextualização histórica de Santa Maria

Santa Maria, hoje uma cidade de médio porte com cerca de 285 mil habitantes, tem sua origem oficial associada com a vinda da Comissão Demarcadora de Limites entre Portugal e Espanha no século XVIII. O Tratado de Santo Idelfonso, assinado pelas duas coroas em 1777, teve como objetivo demarcar os limites entre os domínios dos dois países na América do Sul, e como o território onde hoje está Santa Maria estava localizado na linha divisória, tal Comissão montou acampamento na região para a execução dos trabalhos, primeiramente em 1787 e posteriormente em 1797 (BELÉM, 2000).

Onde ficavam os ranchos dos demarcadores, surgiu a Rua São Paulo, hoje denominada Rua do Acampamento. Segundo Belém (2000, p. 41), a alteração de nome foi escolhida “[...] para perpetuar-se a lembrança daqueles que, em última análise, foram os fundadores de Santa Maria”. Em 1801 a Comissão Demarcadora de Limites entre Portugal e Espanha foi extinta e o acampamento foi dissolvido, porém o povoado continuou a se desenvolver

e as construções, antes configuradas como abrigos provisórios, foram se solidificando, ao passo que acompanhavam o traçado urbano das primeiras ruas.

No final do século XIX e início do século XX, o crescimento de Santa Maria foi impulsionado pela implantação da linha férrea. Com o aumento progressivo da sua população, que passou a contar com pessoas vindas de todas as partes do sul do Brasil, e algumas até de outros países, o comércio e a indústria se dinamizaram. A ferrovia contribuiu para tornar Santa Maria um centro de desenvolvimento humano, pois a urbanização e as condições criadas no setor de educação e cultura foram atrativas para a sua transformação numa cidade verdadeiramente cosmopolita.

Para Flôres (2007), Santa Maria passou a ser não só um local de passagem, mas também um local de parada. Além dos viajantes que pernoitavam na cidade para seguir viagem no dia seguinte, a região se tornou um local propício para negócios, investimentos, oportunidades de trabalho, prestação de serviços e formação humana, justamente pelo aumento na circulação de pessoas, o que imprimiu novos ritmos à cidade.

Schlee (2001a) aponta a contribuição da ferrovia para a configuração e estruturação urbana do município.

Assim, ao redor da estação central, configurou-se uma área especial, caracterizada por sua importância cultural e paisagística, e identificada pela concentração de atividades relacionadas com a ferrovia - como a Vila Belga, a Escola Estadual Manoel Ribas, a Sede da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, o Clube dos Ferroviários, a Escola Hugo Taylor e a própria Avenida Rio Branco (SCHLEE, 2001a, p. 99-100).

Por sua localização geográfica central, Santa Maria ficou conhecida como um importante entroncamento ferroviário do Rio Grande do Sul, por onde passavam as principais linhas férreas, conectando o estado gaúcho com outras regiões do país (FLÔRES, 2007). A cidade prosperou muito com a ferrovia, a qual por muitas décadas funcionou como o motor de desenvolvimento da cidade.

Até que o modal ferroviário começou a sofrer uma retração por volta da década de 1950, como consequência dos impactos da Segunda Guerra Mundial e do redirecionamento dos investimentos para o transporte rodoviário. Nesse cenário, assim como ocorreu em diversas outras cidades do país, o sistema ferroviário foi perdendo força, ocasionando seu progressivo sucateamento.

Paralelamente, porém, outro acontecimento histórico fazia com que Santa Maria superasse a estagnação provocada pela decadência do sistema ferroviário e iniciasse um novo ciclo de desenvolvimento: a instalação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a primeira instituição federal de ensino superior localizada fora de uma capital. Apesar de a UFSM ter sido fundada oficialmente em 1960, o movimento para que isso ocorresse já vinha acontecendo desde a década de 1940. O prédio da Antiga Reitoria, por exemplo, teve sua construção iniciada em 1952 e foi inaugurado em 1955, “[...] idealizado para abrigar os cursos de Farmácia e Medicina da Instituição ainda em processo de formação” (NOGUEIRA, 2011, p. 34).

As novas dinâmicas proporcionadas pela construção da UFSM em Santa Maria revolucionaram a cidade em diversos âmbitos: social, cultural e econômico. Os fluxos gerados pela vinda de estudantes de todo o estado tornaram a cidade ainda mais cosmopolita e multicultural, estabelecendo novas relações entre seus moradores e com os que vinham de fora. A cidade prosperou e se reinventou, se recuperando da estagnação provocada pelo declínio do transporte ferroviário.

No campo da arquitetura, o projeto da Universidade Federal de Santa Maria, primeiro através de seus edifícios na região central da cidade, como a Antiga Reitoria, e depois com o campus em Camobi, veio para reforçar e consolidar um estilo que já vinha sendo produzido, influenciado também pelo que estava sendo edificado em outras regiões do país, principalmente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo e na capital do estado, Porto Alegre. O movimento modernista, que trazia ares de progresso e inovação, influenciava não só o setor de construção civil, mas também todo um modo de vida da sociedade da época.

Arquitetura moderna em Santa Maria

O modernismo pode ser compreendido como um movimento originado no início do século xx, que surgiu em um momento de grandes transformações. Marcado por um período de rejeição aos estilos tradicionais, o pensamento vigente nessa época era de que a cultura tradicional estava ultrapassada e, por isso, era importante encontrar novas ideias e conceitos (BENEVOLO, 1976).

Diversas áreas foram influenciadas pelos ideais modernistas, incluindo literatura, música, escultura, teatro, design e arquitetura, sendo que em cada uma delas o movimento se refletiu de forma particular. No que diz respeito à arquitetura, Nogueira (2011, p. 11) afirma que

[e]mbora tenha sido um movimento multifacetado, o Modernismo é formado por princípios que foram seguidos por arquitetos de diferentes escolas e tendências. Dentre eles estão: a rejeição ao repertório formal do passado e aversão à ideia de “estilo”; a criação de espaços abstratos, geométricos e mínimos; o contexto industrial e as idéias de economia que colocavam o arquiteto como o profissional responsável pela justa construção do ambiente construído.

Visentini *et al.* (2016) apontam o êxodo rural e a superlotação das cidades, ocorridos no início do século xx, como fatores que impulsionaram o surgimento do pensamento moderno. Segundo os autores, o aumento do contingente populacional das cidades reverberou na necessidade de projetos de construção mais rápida e eficiente, e que atendesse a todos. Como consequência, a ornamentação das edificações foi perdendo espaço e dando lugar a construções mais simplificadas do ponto de vista decorativo.

Nesse sentido, é possível observar alguns elementos que se repetem e que caracterizam a arquitetura moderna, como o emprego de formas geométricas e linhas simples; a rejeição aos ornamentos e elementos decorativos e supérfluos utilizados em estilos anteriores; construções funcionais e planejadas de acordo com o uso; e ideais de economia e industrialização. Um dos expoentes do movimento, o arquiteto suíço Le Corbusier propôs em 1926 os “5 pontos

da arquitetura moderna”, ou seja, princípios chave de design que ele considerava como fundamentos da disciplina arquitetônica moderna: pilotis, planta livre, fachada livre, janelas em fita e terraço jardim (BENEVOLO, 1976). Uma de suas principais obras, que se tornou referência da produção da arquitetura moderna, foi a Villa Savoye, projetada em 1928 e onde é possível encontrar todos esses elementos.

As diretrizes propostas por Le Corbusier influenciaram uma grande variedade de projetos arquitetônicos, produzidos por este e por outros arquitetos mundo afora. Atualmente, ainda é possível encontrar construções de períodos recentes que se baseiam, mesmo que parcialmente, nos atributos promovidos por Le Corbusier.

No Brasil, o processo que originou o pensamento por uma ‘nova arquitetura’ aconteceu de forma gradual, condicionado ao panorama geográfico, social e econômico de cada região, e também influenciado pelo pensamento de “alguns grupos de pessoas interessadas em criar situações favoráveis para a implantação de novas ideias” (NOGUEIRA, 2011, p. 11). Destaca-se, nesse sentido, a Semana de Arte Moderna de 1922 e o grupo de artistas responsáveis por sua organização. O evento, realizado entre os dias 13 e 18 de fevereiro daquele ano, ocorreu como uma manifestação artístico-cultural, reunindo atividades como literatura, escultura, pintura, música, declamação de poesia e arquitetura. Com a participação de grandes nomes, como Mário de Andrade, Heitor Villa-Lobos, Oswald de Andrade e Anita Malfatti, e influenciado pelas vanguardas europeias, o movimento propunha uma nova visão de arte, rompendo com os padrões estéticos vigentes à época. A Semana de Arte Moderna de 1922 estabeleceu um marco para a introdução do pensamento moderno, mudando a cena cultural brasileira e influenciando as formas de produzir arte - e arquitetura - que viriam na sequência.

Para Foletto (1994, p. 90),

[...] essa arquitetura de padrões modernos desenvolve-se no Brasil lenta e gradualmente, rompendo barreiras, teorias, dogmas consagrados, baseada no conceito de racionalização. Dá ênfase às funções de suas partes estruturais

e busca uma solução concisa e econômica para a construção e uma racionalização do espaço interno e externo da construção.

Além das novas características das construções, o modernismo também refletiu no conceito das edificações e no *skyline* urbano. A arquitetura que começou a ser produzida modificou a imagem das cidades, as quais, até então compostas em sua maioria por casas, passaram a se tornar mais verticalizadas, com a popularização dos edifícios em altura e residências multifamiliares. No contexto nacional destacam-se alguns exemplares como o Edifício Gustavo Capanema, projetado por uma equipe de arquitetos brasileiros com a consultoria do arquiteto franco-suíço Le Corbusier e conhecido por ter sido a sede do Ministério da Educação e Saúde; o Edifício Copan, de Oscar Niemeyer; o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, conhecido como Pedregulho, projetado pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy; entre outros.

No Rio Grande do Sul, a arquitetura moderna começa a ser desenvolvida a partir do final da Segunda Guerra Mundial, em um cenário favorável pelo surto de crescimento econômico que atingiu o estado nesse período (NOGUEIRA, 2011). Para Visentini *et al.* (2015), a produção moderna no sul do país sofreu influência da escola carioca, bem como de outros países próximos, como o Uruguai, de onde migraram profissionais oriundos da Faculdade de Arquitetura de Montevideo.

Nas cidades do interior do estado, esse novo modo de fazer arquitetura não tardou a chegar. Conforme Foletto (1994, p. 90), a arquitetura em Santa Maria nesse período,

[...] acompanha a das demais cidades brasileiras e segue padrões modernistas a sua construção. Estes padrões incluem materiais industriais, edifícios de apartamentos para residências com andares de planta simétrica, simplicidade nas fachadas e formatos geométricos construídos com vigas e pilares de concreto armado.

O modernismo contribuiu para transformar as feições urbanas de Santa

Maria, em uma época onde os edifícios em altura começaram a surgir ao mesmo tempo em que a cidade ganhava grandes obras comerciais e residenciais (FLÔRES *et al.*, 2019). Embora a arquitetura moderna de Santa Maria não possa ser considerada expressiva em termos quantitativos, é possível afirmar que o movimento influenciou um legado de obras que seguem sendo consideradas icônicas.

Um dos exemplos é o campus da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), cuja implantação foi inspirada no planejamento de Brasília: a Avenida Roraima “imita” o Eixo Monumental da capital, com as edificações em barra distribuídas nas suas laterais. Os edifícios também refletem os preceitos da arquitetura moderna, com a utilização de pilotis, janelas em fita e volumes puros. Alguns exemplos são o Prédio Central dos Correios e Telégrafo, o Coríntians Atlético Clube e o Parque de Serviços da Sulbra. Com relação aos edifícios residenciais, destacam-se os edifícios Centenário e Taperinha (NOGUEIRA, 2011; RIBEIRO, 2018).

O Edifício Taperinha

Acompanhando os ares de modernidade que Santa Maria estava ganhando, a construção do Edifício Taperinha (figura 1) começou em 1955 e foi finalizada em 1959. A obra representa um marco para a cidade, em termos arquitetônicos e urbanísticos, sendo considerada até hoje como “[...] a obra mais impactante na época e contexto local” (NOGUEIRA, 2011, p. 35).

O prédio está localizado na esquina da Rua do Acampamento com a Rua Alberto Pasqualini, também conhecida como Rua 24 Horas, na região do Centro Histórico da cidade (figura 2). Zamberlan (2020) salienta a contribuição do Taperinha para a evolução e configuração urbana do município. Até meados da década de 1950 a Rua Alberto Pasqualini não existia, a sua construção ocorreu em função deste projeto, dada a necessidade de viabilizar o acesso de veículos ao edifício. A partir disso, foi aprovada na Câmara de Vereadores a abertura de uma via interligando a Rua do Acampamento com a Rua Floriano Peixoto, para que as garagens pudessem ser construídas com acesso pela nova rua.

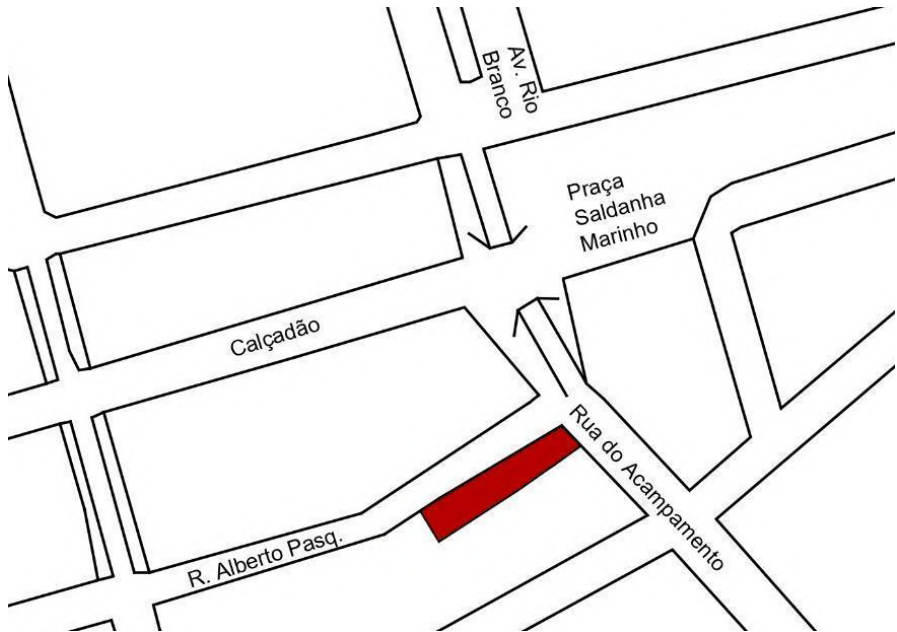
Figura 1: Edifício Taperinha.

Fonte: a autora (2022).

O Taperinha foi projetado pelos arquitetos Cláudio Machado Rizzato e Battistino Anele e executado pela Construtora Tedesco, de Porto Alegre. Segundo Zamberlan (2020, online), “nessa época, Santa Maria não tinha profissionais capacitados para uma obra desse porte”, por isso a contratação de uma empresa da capital. Outros profissionais, como encanadores e eletricitistas, também vinham de fora.

A proposta inovadora do Edifício Taperinha trouxe para Santa Maria um novo conceito de habitação referente à moradia coletiva. O programa de

Figura 2: Localização do Edifício Taperinha, em vermelho no mapa.



Fonte: elaborado pela autora (2022).

necessidade previa salão de festas, lavanderia própria para uso dos moradores, capela, e ainda infraestruturas como instalação direta de telefones, incineradores de lixo, exaustores nas cozinhas e água quente (PREISSLER; ROCHA, 2006). Conforme o memorial descritivo do projeto,

O projeto do edifício Taperinha foi cuidadosamente estudado e executado, no intuito de proporcionar aos condôminos todas as vantagens decorrentes da moderna técnica arquitetônica, como sejam, perfeita insolação, magnífica vista panorâmica, correta circulação e demais exigências. A fachada obedece a linhas modernas, constituindo um dos mais belos ornamentos que se poderia idealizar para uma cidade que marca sua vida com as características dos mais avançados centros urbanos do País. (ANELE; RIZZATO, [195-], p. 1)

Schlee (2001b, p. 171) compara o Taperinha a “[...] uma versão local da *unité d’habitation* – concepção corbusiana sobre o habitat moderno destinado à classe média”, ou seja, o projeto de unidade autônoma de Le Cobusier que proporciona diversas facilidades para seus moradores. Além da parte residencial, o edifício de uso misto previa seis lojas com sobrelojas e um restaurante, este último de propriedade dos condôminos. Baseado em uma proposta de sistema de condomínio autossustentável, a ideia era que as despesas do edifício pudessem ser pagas com o lucro advindo desse restaurante (PREISLER; ROCHA, 2006).

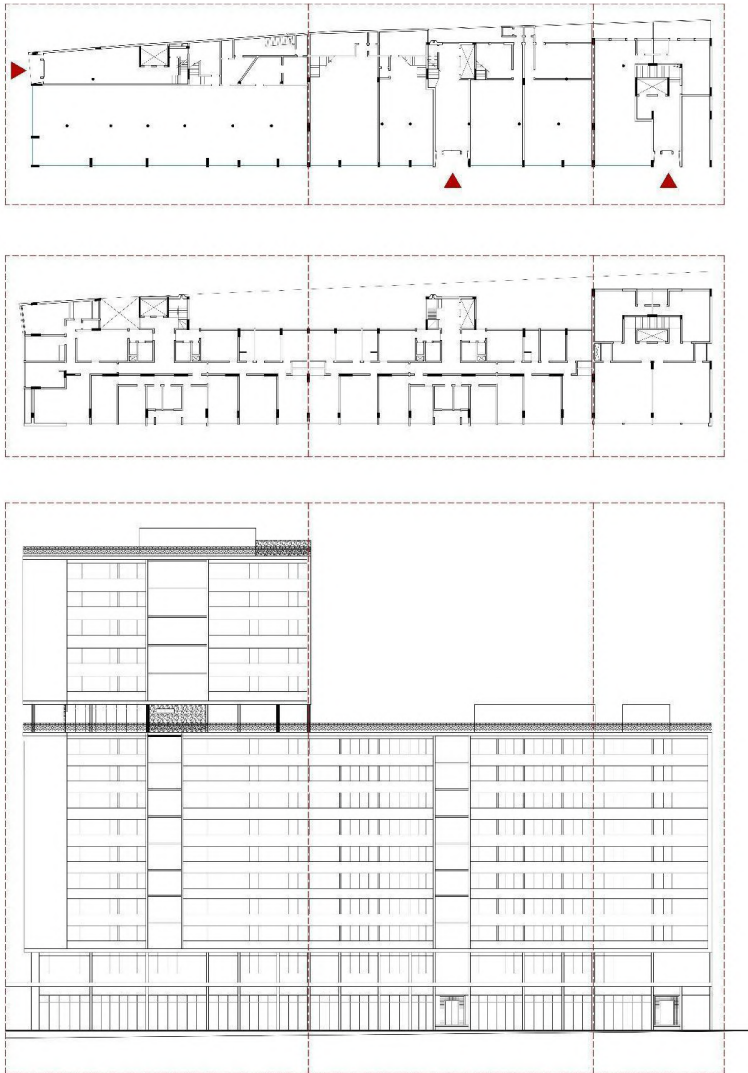
O projeto original previa apartamentos de 2 e 3 dormitórios, totalizando oitenta unidades, distribuídos em três blocos: A, B e C, cada bloco com entrada independente e dois elevadores. O bloco A se estende até o 15º andar, enquanto os blocos B e C vão até o 9º andar (figura 3). Este último, denominado “Play Ground”, correspondia à área de lazer do condomínio, constituída pelo salão de festas, terraço coberto, terraço descoberto, parque de recreação infantil e jardins, todos de uso exclusivo dos condôminos. A lavanderia, por sua vez, estava localizada no 15º pavimento (ANELE; RIZZATO, [195-]).

Segundo Preissler e Rocha (2006, p. 4), “Os serviços adicionais e de auto-sustentabilidade condominial funcionaram da maneira proposta por determinado período”. O restaurante não existe mais, sua área foi integrada aos espaços comerciais do térreo e sobrelojas. Da mesma forma, a lavanderia e a capela foram desativadas e a área onde estava a última ganhou novos usos, passando a abrigar a administração do condomínio.

Os apartamentos também sofreram modificações, totalizando setenta e quatro unidades em relação às oitenta inicialmente propostas. Preissler e Rocha (2006) esclarecem que isso ocorreu em função da união de algumas unidades, o que resultou em apartamentos de um, dois, três e quatro dormitórios, com áreas variando entre 80 e 120 metros quadrados.

Com relação aos aspectos formais, o edifício é composto por dois volumes prismáticos que se unem no 9º pavimento. Há a predominância das linhas retas e formas geométricas definidas. Para Foletto (2008, p. 172), o modernismo no Edifício Taperinha “[...] é caracterizado pelo sistema construtivo com concreto

Figura 3: Planta baixa e fachada norte.



Fonte: elaborado pela autora (2022) a partir de materiais gráficos fornecidos por um morador.

armado, concepção de moradia coletiva, repetição de elementos nas fachadas, simplicidade e funcionalismo”.

É possível, ainda, identificar outras características da arquitetura moderna, representadas nos 5 pontos de Le Corbusier: uso de pilotis, as janelas em fita, planta livre, fachada livre e terraço-jardim. Neste último, localizado no 9º pavimento, estavam previstas áreas verdes, com paisagismo seguindo formas orgânicas ao estilo Burle Marx, porém essa parte não foi executada. Na fachada norte, há a presença de cobogós, elementos utilizados para proteção solar, também característicos do período (RIBEIRO, 2018).

A importância e a consolidação do Edifício Taperinha no imaginário da cidade

Após a pesquisa bibliográfica, que possibilitou a compreensão acerca da origem e dos diferentes papéis que os cartões-postais tiveram ao longo do tempo, bem como sobre a história de Santa Maria, a presença da arquitetura moderna na cidade, e o projeto e construção do Edifício Taperinha em si, realizou-se uma busca por cartões-postais que retratassem ou estivessem relacionados com a edificação. Para essa etapa da pesquisa foram utilizados os termos “cartão postal”, “Santa Maria” e “Taperinha”.

Como resultado, foram encontrados dez cartões-postais, datados principalmente entre as décadas de 1950 e 1970. Nove postais contém a imagem do Edifício Taperinha, em destaque ou em conjunto com outros elementos da cidade, e um décimo cartão mostra uma fotografia tirada do alto da edificação, provavelmente a partir de seu terraço (figura 4). Considerou-se também este último exemplar nos resultados da pesquisa em razão da legenda da foto se referir explicitamente ao prédio, indicando que esta foi registrada a partir do Taperinha. A utilização do nome do edifício indica que o mesmo era conhecido, ou reconhecido, pela população, que ao ler o cartão-postal saberiam de onde a imagem foi captada.

Em seis cartões-postais o Taperinha aparece um pouco distante, compondo, junto com outros espaços e edificações, as paisagens urbanas das fotografias. Percebe-se que há similaridade entre os cenários retratados, que compreendem uma perspectiva a partir da Avenida Rio Branco, mostrando o

Figura 4: Cartão-postal com foto captada do alto do Edifício Taperinha.



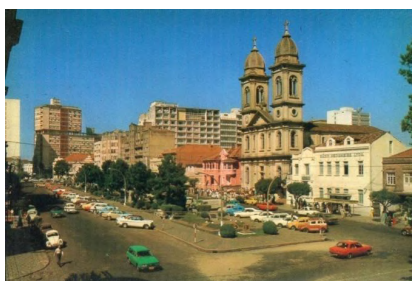
Fonte: BV Colecionismo. Disponível em: <https://www.bvcoleccionismo.lel.br>
Acesso em: 27 fev. 2023

canteiro central e os prédios do entorno, com o Edifício Taperinha ao fundo (figura 5).

Essa imagem pode ser explicada pelo contexto histórico de Santa Maria. Com a chegada da ferrovia, no final do século XIX, e a construção da Estação Ferroviária, esta localizada em um dos extremos da Avenida Rio Branco, a via tornou-se a principal ligação entre a estação e o centro da cidade. O protagonismo do transporte ferroviário somado ao fato de que Santa Maria era um grande entroncamento, por onde passavam as principais linhas do estado, fez com que um grande contingente circulasse pela Avenida Rio Branco, tornando-a por muito tempo uma das avenidas mais importantes da cidade.

As imagens dos cartões-postais, captadas de uma determinada altura da Avenida em direção ao Edifício Taperinha, indicam que possivelmente essa era a 'imagem da cidade' à época, ou uma delas, tanto internamente quanto

Figura 5: Cartões-postais que retratam o Taperinha junto com a Av. Rio Branco.



Fonte: BV Colecionismo¹; Antigoporto²; Alberto Lopes leiloeiro³; Levy leiloeiro⁴.

1. Disponível em: <https://www.bvcoleccionismo.lel.br/>. Acesso em: 24 jul. 2022

2. Disponível em: <https://www.antigoporto.com.br/>. Acesso em 24 jul. 2022

3. Disponível em: <https://www.albertolopesleiloeiro.com.br/>. Acesso em 24 jul. 2022

4. Disponível em: <https://www.levyleiloeiro.com.br/>. Acesso em: 24 jul. 2022

fora de Santa Maria. Os cenários retratados nas fotografias eram levados para outros lugares através dos cartões-postais, ajudando a construir e a consolidar a imagem e a identidade da cidade. Além disso, percebe-se que essa visual segue sendo representada por vários anos, incluindo a época da construção do Taperinha, na década de 1950, até o momento que os cartões-postais passaram a ser coloridos.

Mesmo localizado ao fundo, o Edifício Taperinha se destaca nas fotografias por sua arquitetura, composição e verticalidade, que destoam do entorno. Essa abordagem demonstra a simbologia atribuída ao Edifício Taperinha, que se consolidou como um elemento da paisagem, uma referência urbana e um ícone relacionado à Santa Maria.

Os últimos três cartões-postais mostram o Edifício Taperinha mais de perto (figura 6), sendo que em um deles a edificação aparece em primeiro plano. A fotografia captada do alto retrata o Taperinha no meio de outros edifícios da cidade, em um ângulo diferente do qual normalmente o prédio é exposto. Na imagem, é possível observar a fachada oeste, única fachada cega da edificação.

Nos outros dois postais, as fotografias são de um ângulo inferior, tomadas a partir da Praça Saldanha Marinho e do canteiro central da Avenida Rio Branco. Essas perspectivas se assemelham um pouco mais à visual que normalmente é retratada, com ênfase nas fachadas norte e leste, que pode ser percebida também nos postais anteriores, com a edificação ao fundo.

A forma e a plasticidade do Edifício Taperinha fazem com que o prédio se destaque em quase qualquer fotografia que aparece, mesmo quando é mostrado à distância, e seja facilmente reconhecido. A composição singular - dois volumes de tamanhos diferentes, com o menor sobreposto à base maior através do uso de pilotis -, além dos cobogós presentes na fachada norte, que criam uma 'faixa' de diferentes materiais na sua lateral, conferem uma identidade única ao edifício.

Além disso, a altura do prédio é outro fator a ser considerado. Por ser um dos primeiros edifícios em altura construído na cidade, o Taperinha modificou o *skyline* e a escala urbana, tornando-se um marco na paisagem. Em uma época onde predominavam as construções unifamiliares, de poucos pavimentos,

Figura 6: Cartões-postais que retratam o Edifício Taperinha mais de perto.



Fonte: Objetos de Cena⁵; SC Colecionismo⁶; BV Colecionismo⁷.

5. Disponível em: <http://www.objetosdecena.com.br>. Acesso em: 27 fev. 2023

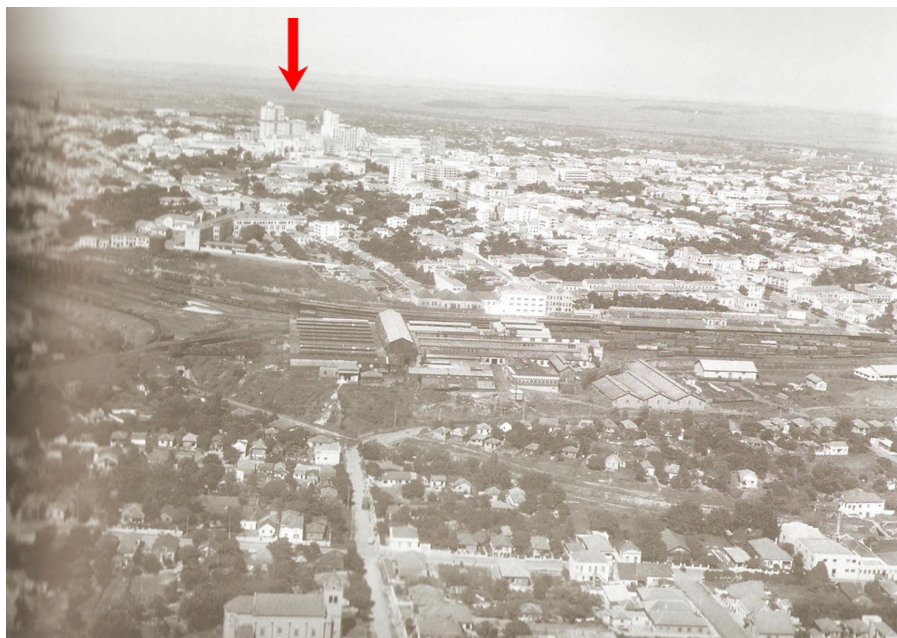
6. Disponível em: <https://www.sccolecionismo.com.br>. Acesso em 27 fev. 2023

7. Disponível em: <https://www.bvcoleccionismo.lel.br>. Acesso em 27 fev. 2023

o edifício alterou os paradigmas e passou a fazer parte das visuais da cidade a partir de diversos pontos de seu território.

O Taperinha seguiu por algum tempo como o edifício mais alto da cidade e, portanto, acabou se consolidando no imaginário popular, associado às ideias de verticalidade e modernidade. Uma fotografia aérea tirada em 1963 (figura 7), com os bairros Itararé e Perpétuo Socorro em primeiro plano, mostra o Edifício Taperinha ao fundo. Nela é possível visualizar como o prédio se destacava no entorno, mesmo com outros edifícios residenciais já surgindo nesse período.

Figura 7: Vista aérea de Santa Maria em 1963. A seta vermelha indica o Edifício Taperinha.



Fonte: MARCHIORI; MACHADO; NOAL FILHO, 2008.

A sua imagem nos cartões-postais, portanto, reflete essas características, também associando Santa Maria à era moderna, proporcionada pelos edifícios em altura, pela inovação na habitação coletiva e pelo novo estilo arquitetônico utilizado. Para Preissler e Rocha (2006, p. 6),

A mudança no conceito de residência, acompanhada da situação histórica de progresso que o país vivia e da maturidade que a arquitetura moderna brasileira alcançava fizeram do edifício Taperinha, desde o período de sua construção, um ícone de modernidade e mudança na cidade de Santa Maria.

Foletto (2008, p. 171) complementa essa ideia ao afirmar que “Se com a inauguração do Edifício Mauá, em 1950, a cidade ganhou ares de modernidade, com o Edifício Taperinha esse novo conceito firmou-se”. A partir disso, falar sobre arquitetura moderna em Santa Maria implica, também, em falar do Taperinha e do quanto o projeto influenciou na mudança de paradigmas e na construção de outras edificações que vieram na sequência.

A construção do Edifício Taperinha representou um marco não só para a história da arquitetura moderna na cidade de Santa Maria, que tem no prédio um de seus exemplares mais reconhecidos, mas também para o próprio desenvolvimento urbano da cidade. Preissler e Rocha (2006, p. 8) consideram que “[...] é marcante a presença do Edifício Taperinha na paisagem urbana de Santa Maria, não somente por sua localização central e “monumentalidade”, mas como marco referencial de modernidade no imaginário da população e na história da cidade.” Ou seja, o edifício deixou um legado cultural, tanto pelo caráter inovador do projeto quanto pelo fato de ter redimensionado o *skyline* urbano. A combinação entre composição, verticalidade, inovação e modernidade contribuíram para a fixação do edifício no imaginário e na memória da cidade, tornando-o um elemento simbólico de Santa Maria.

Mesmo com o crescimento e adensamento de Santa Maria ao longo das décadas seguintes, o Edifício Taperinha continua sendo um marco na arquitetura e paisagem da cidade. Mais do que a representação de um estilo arquitetônico, a obra se consagra pelos impactos que trouxe aos modos de viver e interpretar a cidade, o que a torna um importante patrimônio cultural de Santa Maria.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo compreender a importância do Edifício Taperinha e a sua presença no imaginário associado à Santa Maria através de cartões-postais. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, percebeu-se que o projeto e construção do Taperinha romperam com os paradigmas urbanos da época, onde ainda predominavam as edificações com poucos pavimentos e que seguiam uma linguagem arquitetônica mais ornamentada.

O prédio de caráter misto, mas com predominância do uso residencial, foi – e continua sendo – representativo por denotar uma nova fase urbanística em termos de construção de altos edifícios para a cidade, que trouxe a inovação e o espírito de modernidade. A plasticidade do Taperinha também chama a atenção, em uma época em que a arquitetura moderna ainda era incipiente em Santa Maria. O estilo e a altura faziam o prédio se destacar em meio à paisagem urbana, construindo uma imagem da cidade.

A importância atribuída ao edifício pode ser constatada também pela sua presença nas imagens vinculadas a cartões-postais da cidade, principalmente entre as décadas de 1950 e 1970. Apesar do número de cartões-postais encontrados na pesquisa não ser expressivo, observa-se que havia a associação do Taperinha com a imagem que se tinha da cidade de Santa Maria naquela época, geralmente em conjunto com o restante da paisagem urbana, formada pelo eixo da Avenida Rio Branco. Em todos os postais, o edifício se destaca no *skyline*, justamente pela sua altura e pela composição volumétrica e plasticidade diferenciada.

Atualmente, pode-se dizer que o edifício permanece em boas condições de conservação, com as suas fachadas preservadas. Mesmo que outros edifícios tenham sido construídos no seu entorno, com alguns inclusive o ultrapassando em altura e alterando, mais uma vez, o *skyline* da cidade, esse exemplar da arquitetura moderna santamariense segue como um marco e referencial urbano, que persiste no imaginário popular associado à Santa Maria, tornando-o um importante patrimônio cultural.

Cabe ressaltar a limitação do estudo com relação ao número de cartões-postais encontrados. É necessária uma pesquisa mais aprofundada, com análise de um maior número de exemplares para que se possa afirmar como a imagem do Edifício Taperinha foi difundida para fora de Santa Maria, bem como o quanto as pessoas que não eram da cidade associavam, ou não, a imagem do prédio à Santa Maria.

Referências

- ANDRADE, Neila de Jesus. **A imagem dos cartões-postais de Salvador - Bahia em exposição (1920 a 1940)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- ANELE, Battistino; RIZZATO, Claudio Machado. **Memorial descritivo e especificações**. Santa Maria, [195-].
- BALDISSERA, Rudimar; GONÇALVES, Sandra M. L. P.; LIEDKE, Enoí Dagô. O imaginário de Porto Alegre por seus cartões-postais. **Em questão**, Porto Alegre, v. 16, n. especial, pp. 79-94, out. 2010.
- BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria 1797-1933**. 3. ed. Santa Maria: Editora da Ufsm, 2000. 309 p.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CASTRO, Iná Elias de. Paisagem e turismo: de estética, nostalgia e política. In: YÁSIGY, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 120-140.
- FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Fragmentos da história ferroviária brasileira e riograndense: fontes documentais, principais ferrovias, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS)**, Santa Maria, a "Cidade Ferroviária". Santa Maria: Palotti, 2007.
- FLÔRES, Anelis Rolão; QUERUZ, Francisco; FALCÃO, Adriano da Silva; FLORES, Gabriela Martins. A inclusão do patrimônio moderno na inventariação de bens edificados com interesse patrimonial. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO, 5.2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Marcavisual, 2019.
- FOLETTTO, Vani Terezinha (org.). **Apontamentos Sobre a História da Arquitetura de Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti, 2008.
- FRANCO, Patrícia dos Santos. Cartões-postais: fragmentos de lugares, pessoas e percepções. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, pp. 25-62, jan./jun. 2006.
- NOGUEIRA, Ana Paula. **Patrimônio arquitetônico moderno em Santa Maria: as casas do arquiteto Luiz Arthur Vallandro - um resgate analítico**. 2011. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

PREISLER, Camila; ROCHA, Ricardo. O edifício Taperinha e a construção de um imaginário de modernidade em Santa Maria. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA, 10, 2006, Caxias do Sul. **Anais** [...]. Caxias do Sul: UCS, 2006.

RIBEIRO, Nabor Silva. Arquitetura moderna em Santa Maria RS. **Arquitextos**, São Paulo, a. 19, n. 219.04, ago. 2018.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. Mancha Ferroviária de Santa Maria. In: MÜLLER, Siomara Ribeiro; LOPES, Caryl Eduardo Jovanovich (org.). **Anais do Seminário Território, Patrimônio e Memória**. Santa Maria: UFSM, 2001a.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. Obras fundamentais da Arquitetura Moderna em Santa Maria. In: ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL, 5., 2000, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura das Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 2001b, pp. 163-172.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Postaes do Brazil**. São Paulo: Metalivros, 2002.

VELLOSO, Verônica Pimenta. Cartões-postais: imagens do progresso (1900-10). **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 7, n. 3, fev. 2001.

VISENTINI, *et al.* A fabricação digital como método de análise da arquitetura residencial moderna de Santa Maria. **Disciplinarum Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação**, Santa Maria, v. 16, n. 1, pp. 1-10, 2015.

ZAMBERLAN, Evandro. O Edifício Taperinha. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 12 ago. 2020. Disponível em: <https://diariosm.com.br/o-edificio-taperinha/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

Recebido: 26/10/2022.

Aceito: 03/04/2023.